

**O DISCURSO INTERATIVO DE GILBERTO FREYRE
EM CENAS DO MODERNISMO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE
LINGUÍSTICA DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO**

Vitor de Carvalho Pinto (UVA)

vitorcp96@gmail.com

Marcela Coitinho de Aquino e Castro (UVA)

marcela.cacastro@gmail.com

Silvana Moreli Vicente Dias (UVA)

silvana.dias@uva.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar como a Análise do Discurso e suas teorias podem ser utilizadas de maneira satisfatória na percepção das operações de construção discursiva de um gênero textual, especificamente, o artigo de opinião. Para compor o corpus da pesquisa, foram escolhidos dois textos do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (1900–1987), assinados por dois pseudônimos utilizados pelo autor, Antônio Ricardo e Serafim Jessing, ambos publicados no jornal *A Província* no ano de 1929. Tais textos foram escolhidos dentre cerca de 30 artigos de opinião escritos para o mencionado periódico entre os anos de 1928 e 1930, como parte de conjunto inédito em livro, reunido pelos pesquisadores para futura edição crítica. Apesar de terem sido assinados com pseudônimos, os artigos possuem semelhante temática. A partir dos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa e, mais especificamente, do conceito de *ethos* (Cf. MAINGUENEAU, 1997, 2006; AMOSSY, 2005), busca-se entender como autor se apresenta para o público, bem como quais estratégias são empregadas para convencer ou persuadir os leitores. Discutiremos se essas estratégias são similares ou se variam de acordo com o pseudônimo utilizado, estabelecendo relações com aspecto e debates da cena modernista brasileira na primeira metade do século XX.

Palavras-chave:

Gilberto Freyre. Gênero artigo de opinião. Análise do Discurso de linha francesa.

ABSTRACT

The present work aims to demonstrate how Discourse Analysis and its theories can be used in a satisfactory way in the perception of the discursive construction operations of a textual genre, specifically, the opinion article. To compose the corpus of the research, two texts by the Pernambucan sociologist Gilberto Freyre (1900–1987) were chosen, signed by two pseudonyms used by the author, Antônio Ricardo and Serafim Jessing, both published in the newspaper *A Província* in 1929. Such texts were chosen from around 30 articles written for the aforementioned journal between 1928 and 1930, as part of an unedited set of articles, gathered by researchers for future critical edition. Despite having been signed with pseudonyms, the articles have a similar theme. Based on the assumptions of French Discourse Analysis and, more specifically, of the concept of *ethos* (Cf. MAINGUENEAU, 1997, 2006; AMOSSY,

2005), we seek to understand how the author presents himself to the public, as well as which strategies are used to convince or persuade readers. We will discuss whether these strategies are similar or if they vary according to the pseudonym used, establishing relations with aspect and debates on the Brazilian modernist scene in the first half of the 20th century.

Keywords:

Gilberto Freyre. Opinion piece gener. Discourse Analysis of French line.

1. Introdução

Nas últimas décadas, com o avanço dos estudos linguísticos e dos diversos caminhos que essa ciência pode se articular, os estudos de textos ultrapassaram o limite de períodos e orações, se estendendo para além da análise da gramática tradicional.

Essas novas formas de analisar textos fornecem ferramentas para uma investigação mais discursiva que o usuário da língua realiza ao construir o discurso, seja ele oral ou escrito, na tentativa de alcançar determinado fim junto ao interlocutor.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como a Análise do Discurso e suas teorias podem ser utilizadas de maneira satisfatória na percepção das operações de construção discursiva de um gênero textual, especificamente, o artigo de opinião. Para a presente pesquisa focada em Análise do Discurso (AD), foram escolhidos dois textos de Gilberto Freyre publicados no ano de 1929 no jornal A Província, sob os pseudônimos de Antônio Ricardo e Serafim Jessing.

Para tal, foi feita uma pesquisa bibliográfica com os seguintes termos: análise do discurso, *ethos*, gêneros discursivos, gênero artigo de opinião. Ademais, foi utilizada a Análise do Discurso de linha francesa, a qual, segundo Maingueneau (1997), é caracterizada pelo discurso do tipo escrito, doutrinário e institucional, tendo propósitos textuais, de explicação, forma e construção do objeto. Essa matriz possui método estruturalista e, com isso, envolve a linguística e a história.

É de suma importância ressaltar que a escolha tanto do autor, dos textos e do período não foi aleatória. Este trabalho procura promover um novo caminho para uma pesquisa que está sendo desenvolvida desde 2018 com alunos do curso de graduação de Letras da Universidade Veiga de Almeida, do grupo de pesquisa “Gêneros e(m) Fronteiras na Modernidade e na Contemporaneidade”, com o objetivo de coletar e transcrever

textos de Gilberto Freyre entre os anos de 1928 e 1930 que foram publicados no jornal A Província e assinados por diferentes pseudônimos.

Além da importância concedida há décadas a esse gênero em diferentes veículos de comunicação, o artigo de opinião vem aparecendo cada vez mais em materiais didáticos de Língua Portuguesa e em exames vestibulares, tendo em vista a complexidade das operações linguístico-discursivas que o autor necessita incitar na tarefa de defender consistentemente um ponto de vista. Dessa forma, percebe-se a importância deste trabalho, tanto do ponto linguístico, quanto dos pontos histórico-documental, já que se trata de textos jornalísticos do começo do século XX.

2. A Análise do Discurso e o *ethos*

Para a presente pesquisa, devido ao caráter interativo do gênero discursivo escolhido, iremos focar no conceito de *ethos* dentro da Análise do Discurso, com base em Maingueneu (1997; 2006) e Amossy (2005). Após, iremos analisar como é visto o *ethos* na AD, baseado em Maingueneu (1997).

Porém, o que é o *ethos*? A noção de *ethos* pode ser caracterizada por: o modo de dizer condiz ao modo de ser de um orador, ou seja, é no, pelo e para o discurso que um orador efetua uma imagem de si, como já defendia Amossy (2005, p. 09): “(...) o locutor efetua em seu discurso uma representação de si.”

Essa apresentação de si busca atender às expectativas de seu público, isto é, fazer com que seu discurso tenha credibilidade, sendo uma arte voltada à persuasão que vem desde a retórica antiga de Aristóteles. Assim, essa exposição de si não está focada apenas no enunciador, mas também no seu receptor, como um jogo em que cada um contribui com o outro para, possivelmente, constituir a tentativa de toda formação discursiva que, segundo Maingueneu (1997, p. 49), nada mais é do que: “(...) convencer que consiste em atestar o que é dito na própria enunciação.”

O conceito de *ethos* começa então com a trindade de Aristóteles: o *logos* que seria a razão e a argumentação objetiva; o *pathos* que equivale à emoção, ao poder do convencimento; e o *ethos* que seria a conduta, abordando o aspecto ético e moral do enunciador em seu discurso.

Ao decorrer do tempo, o *ethos* chega a sua última concepção a qual pode ser dividida em duas: a primeira é uma abordagem em termos

pragmáticos, voltados para a enunciação a partir de Ducrot, que defende a fala como ação que almeja influenciar o seu parceiro; a segunda é ligada aos termos discursivos e à Análise do Discurso a partir de Maingueneau, a qual exalta o estreitamento de um discurso e de uma instituição, como também a ideia de um discurso eficaz.

Maingueneau (2006) afirma que a multiplicidade do atual emprego do termo *ethos* torna difícil uma estabilização desse conceito, mas que, sem prejulgar a maneira como ela será explorada, é possível resumilo em três pontos, como a seguir:

O *ethos* é uma noção discursiva, ele se constitui por meio do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à fala; O *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; É uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada. (MAINGUENEAU, 2006, p. 60)

Logo, a concepção de *ethos* defendida pela AD pode ser resumida pela relação dialética do eu com o outro. É a formação discursiva que irá representar o tipo de discurso adequado para atender às expectativas de um determinado público, contribuindo, assim, para o que deve ser dito numa circunstância dada, a fim de que o *ethos* do locutor seja entendido, por exemplo, se representa um discurso político, filosófico, etc.

Por fim, a AD aborda o *ethos* como “(...) maneira de dizer que autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si” (AMOSSY, 2005, p. 16) mediante ao seu auditório, ou seja, o efeito discursivo que consome, na retórica, a questão da credibilidade do discurso, para cumprir o fim de convencimento, que consiste em atestar o que é dito a partir da própria enunciação.

Orlandi (2009, p. 15) afirma que : “[a] Análise do Discurso (AD) concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.” Com isso, compreendemos que AD favorece o discurso como prática social, observando a língua como fenômeno dialógico, inscrevendo o sujeito a partir da linguagem em acontecimentos sócio-históricos, relacionando-a a sua exterioridade, o que influenciará nos efeitos de sentidos para um determinado discurso, seja na sua produção ou recepção.

3. O artigo de opinião

Além da importância concedida ao artigo de opinião em diferentes veículos de comunicação, esse gênero vem ganhando um espaço cada vez maior em livros didáticos de língua portuguesa e em exames vestibulares, levando em consideração a complexidade das operações linguístico-discursivas que o autor é levado a movimentar na tarefa de defender consistentemente um ponto de vista. Considerando a importância desse gênero tanto na esfera jornalística quanto na escolar, bem como a sua complexidade inerente, este trabalho busca evidenciar que essa complexidade vai além dos mecanismos microlinguísticos superficiais.

Integrante da esfera jornalística, o artigo de opinião é um gênero do discurso que se caracteriza por uma proposta marcadamente comunicativa e interativa. Nesse sentido, a situação de interação que se materializa por meio do artigo de opinião engaja dois agentes, autor e leitor, os quais assumem posições ou status sociais diferentes e assimétricos, já que o autor assume o status de autoridade, como observa Rodrigues (2005, p. 172): “O reconhecimento social e profissional do articulista outorga credibilidade a sua fala, alçando-o à posição de ‘articulador’ de um ponto de vista autorizado, de formador de opinião”.

Logo, entendemos que o gênero artigo de opinião desenha uma relação dialógica assimétrica entre alguém que está institucionalmente autorizado a emitir o seu ponto de vista, o autor, e alguém que busca um conhecimento, uma análise supostamente mais esclarecida, o leitor.

Ainda que a credibilidade do autor esteja pressuposta e não precise ser provada por meio de sua *performance* discursiva, o autor não pode se limitar a simplesmente explicar o seu ponto de vista. O autor precisa, mais do que isso, buscar modificar a visão de mundo do leitor, convencendo-o de suas opiniões e ideias, como se nota a seguir:

Dessa “disputa” pelo leitor decorre o emprego, nos exemplares desse gênero, de um conjunto de recursos micro linguísticos especializados na busca por direcionar a interpretação, tais como conectores, operadores, modalizadores, desinências verbais e pronomes de 1ª pessoa etc. Como marcas de superfície, esses recursos são importantes, porque sinalizam as diferentes manobras que o autor realiza ao articular as porções discursivas que compõem o artigo, manobras que exercem papel fundamental nas estratégias de defesa de um dado ponto de vista. (CUNHA, 2012, p. 76)

Pois bem, após as considerações sobre o artigo de opinião e sobre o *ethos* na Análise do Discurso, passemos à análise proposta para este artigo. Embora a foco deste trabalho seja a análise do *ethos* como estra-

tégia argumentativa no gênero selecionado, serão considerados os argumentos e demais mecanismos retóricos que auxiliam na construção da imagem que o orador faz de si mesmo visando à persuasão do leitor.

4. Contextualização do corpus e motivações

Conforme mencionado anteriormente, o presente artigo se origina de uma pesquisa iniciada no ano de 2018 que objetiva resgatar textos inéditos e dispersos do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre e reuni-los em uma edição crítica em formato digital, com notas de acompanhamento. De acordo com Becker (2013), existem dois tipos de notas: as descritivas, que trazem aspectos relacionados à edição, e as explicativas, que fazem a exegese das informações relacionadas ao texto e que podem ter seu entendimento dificultado por uma miríade de motivos, por exemplo, o distanciamento temporal do leitor em relação à obra original. O presente artigo traz os dois textos que nos propomos a analisar neste artigo, em seus Anexos, com notas de ambos os tipos.

Nascido em 1900, em Recife, Gilberto Freyre se notabiliza por ser um estudante aplicado no Colégio Americano Batista, o que lhe rendeu uma bolsa de estudos na Universidade de Baylor, nos Estados Unidos. É durante seu período em solo estadunidense que Freyre tem contato com novas formas de se fazer jornalismo (DALMONTE, 2009). Freyre já tinha algum conhecimento da prática jornalística devido ao seu trabalho no jornal estudantil em seu período no Colégio Americano Batista. É a partir dessa experiência que ele, após sua volta ao Brasil, procura trazer as inovações da imprensa americana para o seu país natal. Seu primeiro laboratório foi o jornal recifense *A Província*, do qual se tornou diretor em 1926 e, esporadicamente, colaborava com artigos.

Seus textos, porém, eram assinados por pseudônimos. Devido às suas críticas ácidas a personalidades da época, o uso de nomes alternativos para a publicação dos textos era uma maneira de não ter seu trabalho como diretor atrapalhado por polêmicas envolvendo o seu nome. O conteúdo dos textos era bastante diverso, indo de urbanismo à religião, passando por política, questões ambientais e até mesmo moda, sempre visto de uma ótica regionalista, que valorizava as expressões culturais próprias do povo local e brasileiro.

Tendo em vista esses fatos, foram coletados, por meio de pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, aproximadamente 30

textos de cinco pseudônimos diferentes, atribuídos a Freyre por diversos autores (GIUCCI; LARRETA, 2007; BARBOSA; GASPAR, 2010). São eles: Antônio Ricardo, Jorge Rialto, Raul dos Passos, Le Moine e Serafim Jessing. O pseudônimo Le Moine era utilizado por Freyre apenas para a publicação de caricaturas, ao passo que os outros eram usados exclusivamente para textos, sendo que o pseudônimo Serafim Jessing tinha certas peculiaridades: era o único que tinha uma seção específica no jornal, era disposto na horizontal e no fim da página, em contraste com a disposição vertical no início da página, que era o padrão dos outros pseudônimos.

Desse modo, a escolha dos artigos passa por essa diferença: entender a construção do *ethos* dos pseudônimos e as motivações para a existência de diferenças entre eles é um caminho para entender Gilberto Freyre. Os textos selecionados para a análise são dois artigos de opinião assinados com os pseudônimos Antônio Ricardo e Serafim Jessing e publicados no ano de 1929 em A Província. Os artigos denominam-se “Espírito universitário” e “A Máquina de Exames”, publicados nas edições de 26/10/1929 e 12/12/1929, respectivamente. Ambos os textos, como seus títulos sugerem, tratam do tema educação, e fazem críticas semelhantes ao sistema educacional brasileiro da época.

Levando-se em conta a observação de Nascimento (1966, p. 233) de que os pseudônimos citados podem ter sido utilizados de modo coletivo por diversos autores da época, uma investigação linguística dos textos de pseudônimos diferentes também tem a utilidade, para além do que já foi dito anteriormente, de identificar semelhanças e diferenças nos discursos desses pseudônimos, podendo ajudar na inferência de seu verdadeiro autor.

5. *Análise*

Se, em “Máquina de Exames”, o autor fala sobre como os exames de fim de ano nas instituições de ensino desestimulam o aluno a adquirir o hábito do estudo regular durante o ano letivo, em “Espírito Universitário”, há uma crítica do uso do termo “universitário” no Brasil. Para Freyre, para que existam estudantes que mereçam esta denominação, é necessário um interesse real pelo conhecimento, que não esteja ligado ao seu uso prático em uma profissão, por exemplo. Em certo sentido, pode-se dizer que os textos tratam do mesmo problema, com um dos textos tratando de uma causa e outro, de seu efeito.

As estratégias de convencimento usadas pelo autor para demonstrar seus pontos são parecidas. Nos dois artigos, há uma argumentação fundamentada em exemplos concretos, além de um tom de lamentação sobre a situação sobre a qual se discorre, que logo é direcionado para uma indicação energética do caminho que o autor acredita que deve ser seguido. O trecho a seguir, retirado de “A Máquina de Exames”, pode ser tomado como exemplo:

Raros, cada vez mais raros, os estudantes de direito que realizam um curso com o sentido profissional. A maioria ambiciona o título, ainda hoje prestigiado, e para esses os exames bastam como meio fácil e cômodo – para esses existe ainda montada uma sedutora máquina de exames.

Entretanto, já não era sem tempo que o Brasil fosse se livrando desse malfadado preconceito do doutoramento. Que fosse criando os seus profissionais de verdade, os seus técnicos, os seus especialistas, porque somente destes é que precisamos para a construção de um Brasil economicamente independente e digno do progresso atual do mundo.

Pode-se observar, aqui, o uso das palavras “maioria”, provavelmente usada para evitar uma generalização injusta; e “ainda”, esta utilizada em dois momentos, que marca situações as quais o autor acredita estarem em tempo de serem mudadas. Neste primeiro parágrafo, destacado, há a lamentação, que é então substituída pela esperança do parágrafo seguinte, o qual começa com o uso da conjunção adversativa “entretanto”. Oferece, então, exemplos do que pode ser feito para que o Brasil possa ir “se livrando desse malfadado preconceito do doutoramento”, preconceito esse que ele via como um obstáculo para a construção de um Brasil em consonância com o mundo.

A preocupação com a questão nacional, tão recorrente em toda a carreira de Freyre, está presente também em “Espírito Universitário”. De modo semelhante ao que ocorre em a “Máquina de Exames”, há uma chamada para a ação, dessa vez, de um modo mais pessoal:

Contra essa situação devemos reagir. Ou o Brasil procura firmar-se sobre uma cultura desinteressada – o característico da verdadeira organização universitária; sobre uma cultura separada do profissionalismo imediato, ou acabaremos sucumbindo em pouco tempo à onda de progresso brutalmente material que nos invade, ao americanismo de segunda ou terceira ordem que, quase vencido no seu país de origem, reanima-se e adquire novos ímpetus nos países novos, e tocados da febre de Progresso com P maiúsculo, da América Latina.

Com o uso da primeira pessoa do plural e do verbo reagir, entende-se que o autor está chamando o leitor para participar de algo, de um movimento. Nota-se o quanto Gilberto Freyre acredita em uma possível

reação para mudar a situação presente e, com esse propósito, o autor espera que o leitor participe com ele.

É nítida também a preocupação que ele tem a respeito de determinados temas, que se sobressaem devido às escolhas lexicais. Ao escrever “profissionalismo imediato”, “progresso brutalmente material” e “americanismo de segunda ou terceira ordem”, o autor endereça bem a sua crítica e deixa claro para o leitor contra o que ele deve se levantar.

Ao elencar tais alvos, Freyre demonstra sua inclinação para uma visão mais tradicional e nacionalista, na medida em que acreditava que o Brasil deveria construir seu próprio caminho como nação, porém sem se deixar levar pelas modas e sem ser devorado pelos avanços da técnica em suas diferentes formas. A semelhança das duas abordagens e o modo pelo qual o autor se coloca perante o leitor levam os autores do presente trabalho a pensarem que os dois textos, são de fato, de autoria de Gilberto Freyre.

6. Conclusão

O entendimento das estratégias de um autor para a escrita de suas obras é uma das aplicações práticas das teorias da Análise do Discurso. A comparação de dois artigos, de provável autoria de Gilberto Freyre, em A Província, foi a abordagem escolhida. Por meio da análise dos textos selecionados, pôde-se inferir que o *ethos* apresentado nos textos são similares, o que reforça, portanto, a tese de que ambos os textos foram escritos por Gilberto Freyre.

Colocando-se em pauta um personagem tão complexo como o autor pernambucano, a pesquisa reforça que o conceito de *ethos* é um importante conceito para a interpretação da relação do autor para com o leitor e com o processo de escrita na construção do discurso.

Por fim, compreende-se que um estudo voltado para a Análise do Discurso irá resultar em um maior entendimento de quem era Gilberto Freyre e o quanto seus textos foram importantes para a mídia e a literatura brasileira. Defende-se a ideia de que cada palavra incluída em seus textos, por cada pseudônimo, tinha um objetivo singular, demandando uma abordagem consistente para uma compreensão mais complexa dos sentidos implicados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: ____ (Org.). *Imagem de si no discurso: a constituição do ethos*. Trad. de Dilson F. da Cruz. São Paulo: Contexto, 2005.
- BECKER, C. O Discurso de Escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola). Trad. de Ligia Ferreira. *Patrimônio e Memória*, v. 9, n. 1, p. 144-156, São Paulo: Unesp, jan.-jun. 2013.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CUNHA, Gustavo Ximenes. A articulação discursiva do gênero artigo de opinião à luz de um modelo modular de análise do discurso. *Filol. lingüíst. port.*, n. 14(1), p. 73-97, 2012.
- DALMONTE, E. F. *Mídia: fonte & palanque do pensamento culturalista de Gilberto Freyre*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900–1936*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.
- _____. A propósito do *ethos*. In: MOTTA; SALGADO (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11-29.
- NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821–1954)*. Recife: Imprensa Universitária. Universidade Federal de Pernambuco, 1966.
- PALLARES-BURKE, M. L. C. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005.
- ORLANDI. Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.
- RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-83

Outra fonte

A PROVÍNCIA, um órgão do Partido Liberal. Recife, 1926-1930. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

ANEXOS

ANEXO 1

Espírito universitário³¹⁴

Antônio Ricardo

(Especial para A Província) 26/10/1929

Uma palavra que se está generalizando no Brasil, sem motivo justo, é “universitário”. Estudante ou acadêmico deixou de se chamar, à boa moda tradicional, estudante ou acadêmico para ser pomposamente tratado de “universitário.”

A inovação tem o seu quê de absurdo, quando atentamos no fato de que, no Brasil, não possuímos ainda universidades, a não ser em esboço, como a de Minas, ou de nome, como a do Rio de Janeiro.³¹⁵

E se não possuímos universidade, se não temos nem arremedo de organização universitária, sombra sequer de espírito universitário - como é que existem entre nós “universitários”?

Seria como se nos gabássemos de produzir maçãs sem ter macieiras. A árvore não existe. Universidades não possuímos. Logo, estamos nos antecipando à realidade, com essa história de “universitários”.

Aliás, devemos dizer que nos parece simpático todo o esforço no sentido de criar no Brasil o espírito universitário, a organização universitária, a cultura sobre bases universitárias.

Lord Bryce³¹⁶, quando esteve no Brasil, ficou desagradavelmente impressionado com o caráter utilitário, estreitamente profissional, do nosso ensino superior.

Ora, é exatamente a mesma a condição do nosso ensino superior. Domina-o o mesmo espírito estreitamente profissional dos dias em que Bryce nos visitou. Falta-lhe, como naquela época, o caráter universitário.

Contra essa situação devemos reagir. Ou o Brasil procura firmar-se sobre uma cultura desinteressada - o característico da verdadeira organização universitária; sobre uma

³¹⁴ Texto de autoria de Antônio Ricardo, publicado na edição 247 de 1929 de *A Província*, no dia 26 de outubro de 1929.

³¹⁵ O autor se refere, aqui, à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e à Universidade do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³¹⁶ James Bryce (1838-1922), historiador e político britânico. Foi embaixador do Reino Unido nos Estados Unidos e Secretário de Estado da Irlanda.

cultura separada do profissionalismo imediato, ou acabaremos sucumbindo em pouco tempo à onda de progresso brutalmente material que nos invade, ao americanismo de segunda ou terceira ordem que, quase vencido no seu país de origem, reanima-se e adquire novos ímpetus nos países novos, e tocados da febre de Progresso com P maiúsculo, da América Latina.

O espírito universitário não pode existir num ambiente de puro profissionalismo: um ajuntamento ou aglomeração de escolas profissionais nunca passará de um ajuntamento ou aglomerado de escolas profissionais. Para haver cultura universitária, espírito universitário, é preciso que no meio de tudo isso brilhe a flama pura da cultura desinteressada de aplicações ou proveitos imediatos, tal como a encontramos nos grandes centros de estudo da Europa e da América do Norte.

ANEXO 2

A máquina de exames³¹⁷

Serafim Jessing

(Especial para *A Província*) 12/12/1929³¹⁸

Estamos na época dos exames. A febre e a pressa com que os exames se vão realizando em todos os nossos estabelecimentos de ensino denota um interesse ainda muito vivo pela conquista do diploma. Do bacharelato. Do título de doutor. Do anel, vistoso e brilhante, seja rubi ou esmeralda.

O certo é que a máquina de fazer exames ainda não está de todo desmontada. Ainda é pelo exame do fim de ano que se habilita o estudante, continuando-se, desta maneira, uma prática que tem sido tão lamentavelmente deturpada no Brasil e vai sendo condenada em toda a parte. Entre nós, ainda é o meio quase exclusivo de acesso às academias superiores.

Muito longe já estamos dos exames parcelados com a sua série de escândalos. O curso seriado implica um estudo mais regular, mais honesto e mais eficiente, uma vez que não repousa, exclusivamente, nas provas de exame, desde que se trate de ginásios oficiais ou equiparados.

Mas hoje, com a facilidade da organização de bancas examinadoras, estão voltando os mesmos vícios, porque de nada valem as médias do ano nem, portanto, o valor do estudante que vê todo o seu esforço muitas vezes prejudicado por uma só prova final.

Isso nos exames secundários. Nos cursos superiores cresce a gravidade com a exclusiva preponderância dos exames finais.

O aluno de direito, para citarmos um exemplo mais típico, frequenta as aulas em número suficiente para não perder o ano. E isso mesmo quando as frequenta. Durante o ano letivo não estuda. Lê um ou outro ponto do programa, deixando para os dois últimos meses o estudo apressado dos “pontos”, resumidos, que decora ou assimila como bem pode.

³¹⁷ Texto de autoria de Serafim Jessing, publicado na edição 286 de 1929 de *A Província*, no dia 12 de dezembro de 1929.

³¹⁸ A proximidade das datas de publicação dos dois textos presentes nos anexos deste artigo pode ser um indicador da autoria de um único autor, considerando-se o fato, já mencionado, de os textos tratarem do mesmo tema.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Podemos generalizar assim, porque um ou outro estudante realiza o seu curso regularmente, comprando livros ou frequentando a biblioteca da Escola. A maioria faz exames e consegue facilmente a cobiçada aprovação. Os mais inteligentes e vivos conseguem até boas notas com a facilidade de expressão verbal e umas tintas da matéria.

Raros, cada vez mais raros, os estudantes de direito que realizam um curso com o sentido profissional. A maioria ambiciona o título, ainda hoje prestigiado, e para esses os exames bastam como meio fácil e cômodo – para esses existe ainda montada uma sedutora máquina de exames.

Entretanto, já não era sem tempo que o Brasil fosse se livrando desse malfadado preconceito do doutoramento. Que fosse criando os seus profissionais de verdade, os seus técnicos, os seus especialistas, porque somente destes é que precisamos para a construção de um Brasil economicamente independente e digno do progresso atual do mundo.

Mas, entre nós, desde a primeira idade a criança vai sendo alimentada pela vaidade de fazer o exame no fim do ano e tirar a distinção: no curso secundário a vantagem é fazer os exames rapidamente para uma matrícula num curso superior qualquer.

Depois de matriculado a facilidade de um título de doutor.

Os que depois fazem alguma coisa na vida e nas respectivas carreiras profissionais é à custa de um terrível esforço e sabe Deus como conseguem passar sobre todos os obstáculos e sérias dificuldades!

Nada há de mais doloroso do que o esforço do jovem brasileiro que deseja estudar seriamente, honestamente, porque tudo lhe falta e ele como um autodidata só pode contar consigo, à falta de orientação e de guia.